

# LINS, VOCÊ POR AQUI?! O MONSTRO DA MATEMÁTICA ENCONTRA A PEDAGOGIA

*LINS, SO THERE YOU ARE?! THE MONSTER MEETS PEDAGOGY*

João Carlos Pereira de Moraes<sup>1</sup>

## RESUMO

*Entre os arrepios, paixões e provocações de monstros matemáticos, nós, pedagogos, produzimos esse estudo. O desejo consistiu em acompanhar como processos de reflexão sobre monstros matemáticos junto com os licenciandos em Pedagogia entram em funcionamento na composição de modos de pensar nossas relações com a Matemática. Para essa composição, elaboramos o dispositivo-oficina Narrar-me-ei, em que cada sujeito desenhava seu monstro matemático e o expunha para o coletivo. Após esse processo, discutimos dois textos sobre Educação Matemática e compomos um Espaço Amostral – local de atualizar ideias, pensamentos e metas para o trabalho docente. Nossas atualizações permitiram considerar que o encontro com o nosso passado, o outro e a vontade de docência criam modos diversificados e inventivos de ser educador matemático.*

**Palavras-chave:** *Monstro; Pedagogia; Oficina. Desenho; Encontro.*

## ABSTRACT

*Among the chills, passions and provocations of mathematical monsters, we pedagogues produced this study. The desire was to monitor how processes of reflection on mathematical monsters together with undergraduates in Pedagogy come into operation in the composition of ways of thinking about our relations with Mathematics. For this composition, we designed the Narrar-me-ei (Narrating myself) workshop-device, in which each subject drew their mathematical monster and exposed it to the collective. After this process, we discussed two texts on Mathematics Education and composed a Sample Space - a place to update ideas, thoughts, and goals for teaching practice. Our updates made it possible to consider that the encounter with our past, the other and the desire for teaching create diverse and inventive ways of being a Mathematics educator.*

**Keywords:** *Monster; Pedagogy; Workshop; Drawing; Encounter.*

## 1 O Primeiro Encontro

Quem deseja encontrar-se com um monstro? Em primeiro momento, acredito que ninguém. No entanto, evitar o encontro não será o mesmo que negar a sua existência. Stephen King (1977, p. 35), não nos deixa esquecer: “Monstros existem e fantasmas também. Vivem dentro de nós e, às vezes, eles vencem”. A dúvida fixa é: *devo viver na fuga ou lutar para derrota-los?!*

---

<sup>1</sup>. Professor da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, atuando no curso de Pedagogia e no PPGEdu como docente permanente. Doutor em Educação (USP) e Licenciado em Matemática (UENP) e Pedagogia (UEM). E-mail: [joaomoraes@unipampa.edu.br](mailto:joaomoraes@unipampa.edu.br).

Lins (2004) ofereceu outra possibilidade a nossa relação com monstros matemáticos. *Quem sabe encontrá-los?!*. Encontros no sentido Larrosiano de ser. Aqueles que nos perpassam, nos tocam, nos aconteçam (LARROSA, 2002) e não sejam mera informação transeunte, incapaz de deixar qualquer vestígio. Quem sabe, ainda, nos entregarmos à experiência (LARROSA, 2002), isto é, à beleza da singularidade dos nossos próprios monstros.

Provocados por Lins (2004), potencializamos essa possibilidade. A intenção consistia em acompanhar como processos de reflexão sobre monstros matemáticos junto com os licenciandos em Pedagogia entram em funcionamento na composição de modos de pensar nossas relações com a Matemática. Assim, nós, pedagogos, permitimos que nossos monstros matemáticos se atualizassem, recriando (ou não) novas relações com a disciplina.

Deste modo, nas linhas que seguem, nos expomos. Permitimos que os monstros matemáticos saíssem de suas jaulas e tornassem-se visíveis e conversáveis.

## **2 Arrumando a casa para receber o monstro**

Somos 21 sujeitos dedicados a Pedagogia, 20 discentes do sétimo termo do curso e eu na condição de professor. Todos envolvidos no Componente Curricular *Conteúdo, Metodologia e Prática de Ensino em Matemática nos Anos Iniciais*. Todos na espera que o encontro aconteça. Encontro<sup>2</sup> este muito esperado por mim.

*Estou com certo receio. Nunca trabalhei com essa turma. Será a primeira vez que eles têm aula comigo. Já repassei muitas vezes quais serão as atitudes que quero ter junto a eles. Finalmente, 19h10, uma terça-feira. As aulas de Conteúdo, Metodologia e Prática de Ensino começarão.*

*(...) É um grupo de rostos desconhecidos, de todos os tipos. Ao todo, vinte futuros professores, dezoito meninas e dois meninos. Tudo é novo para nós.*

(Diário de bordo)

Como nossa intenção é acompanhar processos, elegemos o método da cartografia. Assim, o sujeito na pesquisa é um inventor de realidades, aquele que, ao “caminhar, traça no percurso, suas metas” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17). Deste modo, apostamos na “experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 10).

---

<sup>2</sup> Não espere dados de duração do encontro ao longo do texto. Em nosso entendimento, medições de encontro só se podem formular a partir das intensidades das vibrações de sua ocorrência.

Para a chegada da nossa visita, criamos um dispositivo, a oficina *Narrar-me-ei*. Na pesquisa, encaramos os dispositivos como “máquinas que fazem ver e falar” (DELEUZE, 1992, p. 155), capazes de atualizar o que é virtual<sup>3</sup> no campo da oficina, produzindo modos de ser e realidade de dizer. Em sua composição, engendramos alguns momentos:

- *Monstruosidades e outras provocações*: iniciamos o debate com cenas do filme “Invocação do Mal II”<sup>4</sup> e de ideias presentes no texto “Matemática, Monstro, Significados e Educação Matemática” (LINS, 2004).
- *Abrir a cela*: cada discente desenha o seu monstro e o expõe ao coletivo.
- *Contaçõ de uma história*: escrita de anotações no campo, em que são relatados os acontecimentos, produzindo, ao final do dia, um diário de bordo (DB) sobre o vivenciado.

Para evidenciar as processualidades durante a pesquisa, priorizamos o método descritivo em detrimento ao interpretativo. Ou seja, não buscamos obter dados matemáticos que os discentes possam vir a construir sobre as atividades, mas mapear os encontros que, no estranhamento, são capazes de potencializar a criação de sentidos.

### 3 O encontro

Depois de algumas conversas iniciais sobre as histórias de vida e a Matemática, começamos a pensar o monstro que constituímos para a matemática.

(...) **Eu**: Então, a gente discutiu aqueles monstros da matemática em nossa vida. Agora nós vamos falar sobre esse monstro. (...) *Quem gosta de filme de terror?*

**Filósofo**<sup>5</sup>: Deus me livre, tenho pânico!

**Marsha**: Eu gosto, sempre gostei. Tenho meu tom meio dark... (Risos)

**Borboleta Rosa**: Isso não quer dizer muita coisa, eu gosto também... E sou do rosa. (...)

**Eu**: Mas vamos assistir um trecho de um filme que eu adoro... (Risos com tom maldoso)

**Filósofo**: Uiiiiiii...

(TP<sup>6</sup> Encontro)

O trecho do filme se inicia.

Figura 1 - Cartaz do Filme Invocação do Mal II

---

<sup>3</sup> Conforme Kastrup (2007, p. 22), o virtual se atualiza segundo um processo de criação e diferenciação. Neste sentido, distingue-se do possível, realizado através de um processo de limitação e de semelhança. Um bom exemplo da atualização de uma virtualidade – como produção de algo que já estava lá – é a produção das mãos de um pianista através de repetidos treinos.

<sup>4</sup> Invocação do Mal (*The Conjuring*, USA/CAN, 2013), dir de James Wan. Formato: DVD (Warner Bros., BRA)

<sup>5</sup> Cada aluno escolheu um nome para si, este deveria ser escrito e entregue ao pesquisador.

<sup>6</sup> TP significa Transcrição Parcial.



Fonte: [www.adorocinema.com](http://www.adorocinema.com), acesso em 18/08/2019

O trecho do filme que assistimos em sala era “Invocação do Mal II”. No trecho em questão, Lorraine Warren, interpretada por Vera Farmiga, depara com a presença de um fantasma corporificado na figura de uma freira demoníaca. Ele percorre, em forma de sombra, a parede da sala escura da casa de Lorraine, enquanto a mesma só observa, num tom de suspense, o caminho percorrido.

(...) **Borboleta Rosa:** *Eu amo esse filme. Adoooooro!*

**Filósofo:** *Se eu tiver um pesadelo com isso, você vai ser culpado, professor.*

**Ducarmo:** *O que isso tem a ver com a matemática, professor.*

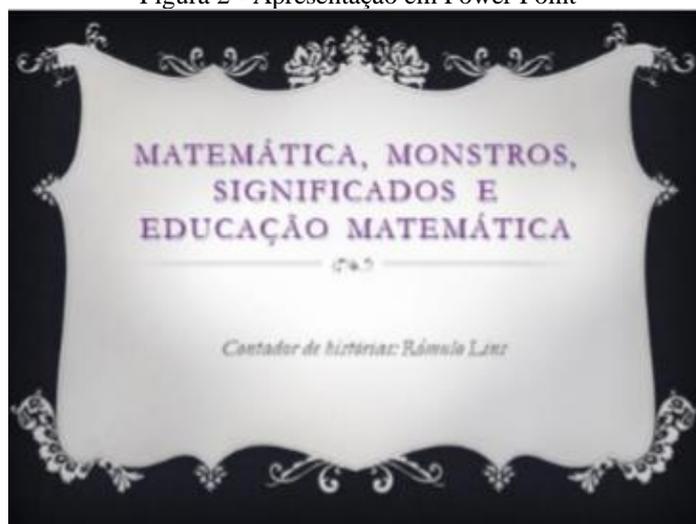
**Eu:** *Calma, Ducarmo. Já que você descobre. (...)*

**Eu:** *Eu quero contar uma história para vocês sobre monstros. Um conto para ser mais exato.*

(TP do Encontro)

Abro minha apresentação de slides sobre o texto “Matemática, monstros, significados e educação matemática” (LINS, 2004).

Figura 2 - Apresentação em Power Point



Fonte: Elaboração própria.

(...) **Bianca:** *Pro, que história bacana. Não sabia que tinha gente que escrevia histórias sobre matemática.*

**Brida:** *Eu achei bem interessante. Fala da gente, né? Eu estou no jardim dos não-matemáticos. Nunca tinha pensado assim.*

(TP Encontro)

Embora nada me tire da cabeça que Rômulo Lins é um contador de histórias, no melhor sentido do termo, eu optei por não relatar a presença da área da Educação Matemática para o grupo. Meu receio estava em imaginar a categorização prévia que pudessem fazer. Deixei que encontrassem Lins (2004) como representante do mundo ficcional da literatura do que o aproximasse do campo da matemática.

(...) **Eu:** Depois de ouvirmos essa história. Vamos tentar desenhar nosso monstro e pensar sobre ele.

(TP Encontro)

Os desenhos ficaram da seguinte forma:

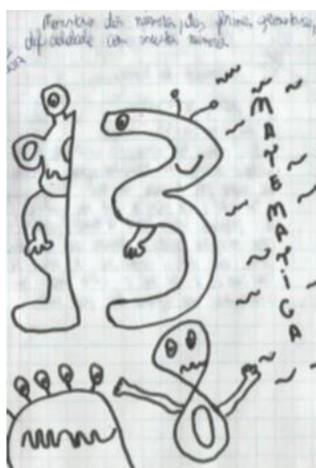
### 3.1 O monstro vai à escola comigo.

Neste momento, só apresentou seu monstro aquele que quisesse o apresentar. Borboleta Rosa foi a primeira a se candidatar.

(...) **Eu:** Apresente o seu monstro (direcionado a Borboleta Rosa).

**Borboleta Rosa:** Esse é meu monstro (Ergue o caderno para mostrar a todos). Eu tenho medo dos números. De todos eles... Embora eu sempre os achei lindos... Sei lá... Super adorei poder desenhá-los.

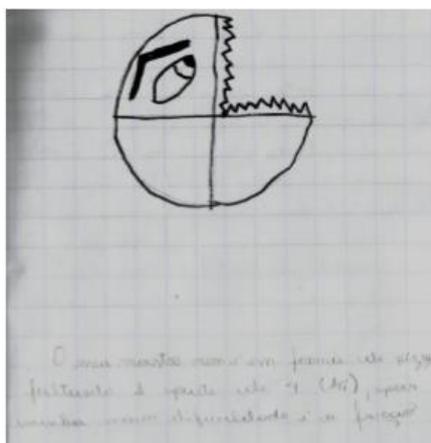
Figura 3 - Monstro de Borboleta Rosa



Fonte: Desenho de Borboleta Rosa

(...) **Helena:** Meu medo é das frações... (...) Toda vez que achava que tinha entendido, eu era derrotada.

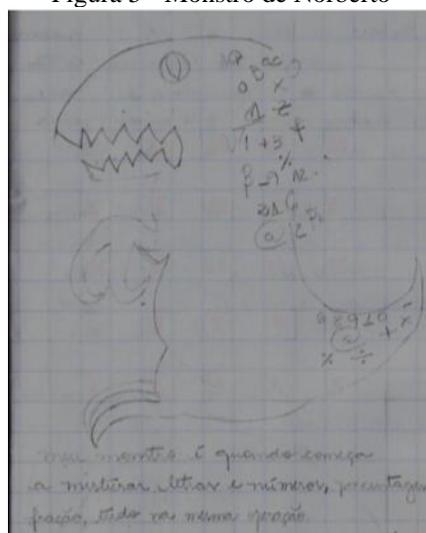
Figura 4- Monstro de Helena



Fonte: Desenho de Helena

**Norberto:** (...) Meu medo é quando junta números e letras. Parece que eu vou, vou e vou, daí chega nas letras derruba tudo o que eu fiz.

Figura 5 - Monstro de Norberto



Fonte: Desenho de Norberto

Os monstros de Borboleta Rosa, Helena e Norberto moram na escola. Lá eles os encontraram e os estão revisitando nessa Disciplina na graduação em Pedagogia. Esses monstros causam algumas sensações, já descritas por Lins (2004): mesmo não dando conta dos números, Borboleta Rosa é atraída por eles – “uma espécie de desejo” (sexta Tese de Lins); as frações, para Helena, “sempre escapam” (segunda Tese de Lins) e; o limite para Norberto é quando números se juntam às letras, “um policiamento de fronteiras” (quinta Tese de Lins).

### 3.2 O Espaço habitado pela matemática só existe na cabeça

(...) **Eu:** Seu monstro tem nome e está de ponta-cabeça?! Diferente, Júlia.

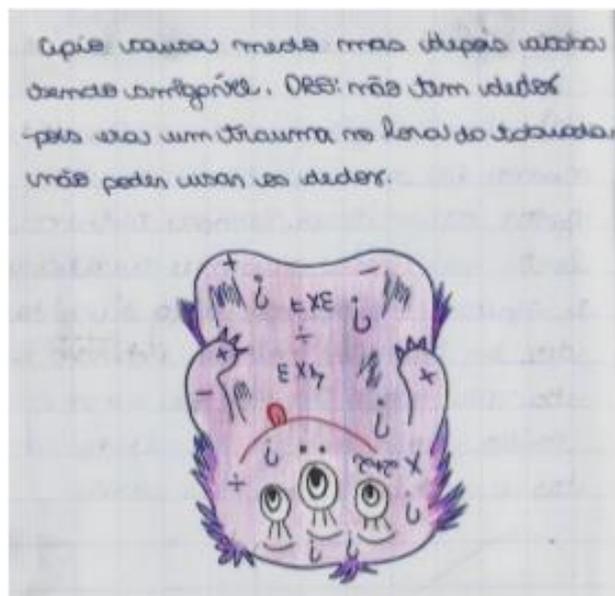
**Julia:** (...) O meu monstro tem tudo a ver com cabeça. Ele virou meu mundo de ponta cabeça. (...) Ele está na cabeça.

(...)

**Eu:** Por que ele está na cabeça?

**Julia:** Porque o monstro vai e diz: ‘não use os dedos, use a cabeça’; ‘quem conta nos dedos não consegue abstrair’... E assim vai.

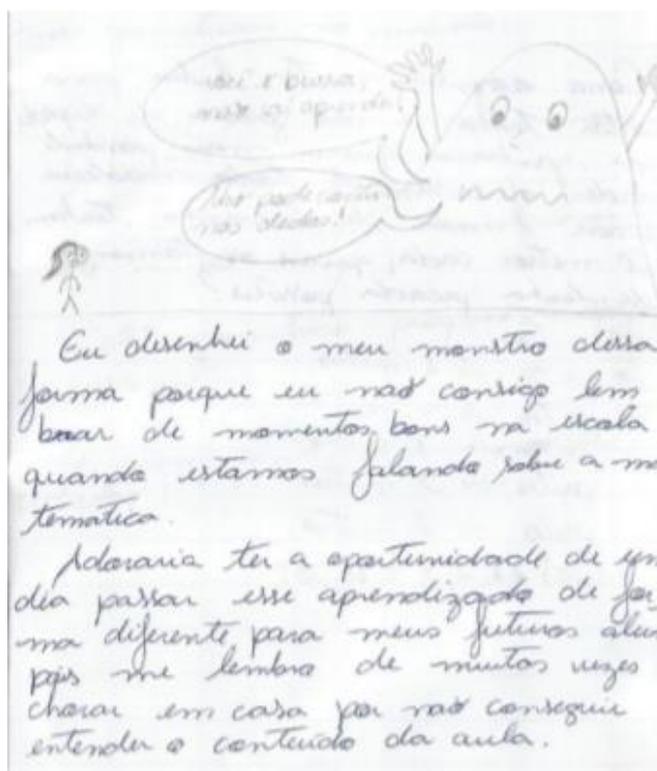
Figura 6 - Monstro de Julia



Fonte: Desenho de Julia

(...) **Brida**: *Eu também tenho meu negócio com os dedos (O monstro de Brida em sua fala diz: “Não pode usar os dedos”)... A cabeça serve pra pensar matemática e o corpo para agir (...). Cabeça pensa, corpo faz ação.*

**Figura 7** - Monstro de Brida



Fonte: Desenho de Brida

**Eu**: *O que será que fazia para pensar matemática os povos primitivos? Já pensou?*  
**Brida e Julia** me olham com um semblante de dúvida

(TP Encontro)

As falas de Brida e Julia remontam que o jardim matemático é o espaço da abstração, e que este estaria em nosso cérebro, na nossa cabeça. O corpo, por sua vez, atrapalha esse processo. Ele

está para impossibilitar ou trapacear o verdadeiro pensamento matemático. No entanto, a indagação sobre a matemática realizada nos povos primitivos desestabiliza essa compreensão. Precisaremos propor outros caminhos...

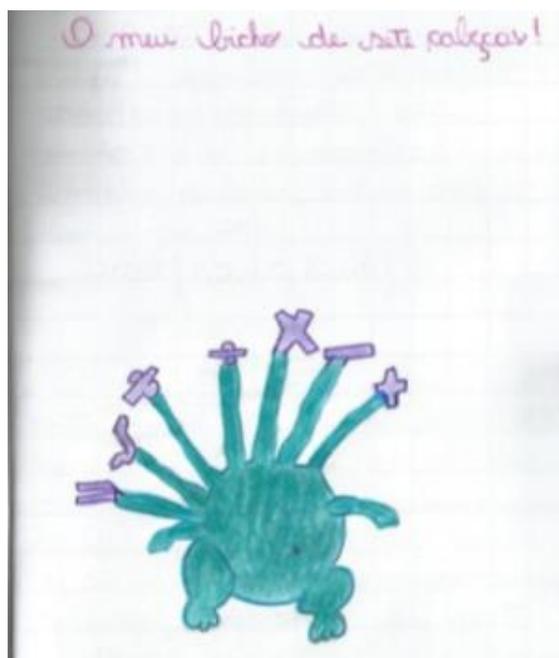
### 3.3 Um monstro de sete cabeças pode não ser tão ruim assim, pode até ser fofinho

(...) **Joy:** *Eu fiz um bicho de sete cabeças... Tão romântico.*

**Eu:** *Romântico?*

**Joy:** *Um graçudinho de monstro... Vontade de morder (Risos)*

Figura 8 - Monstro de Joy

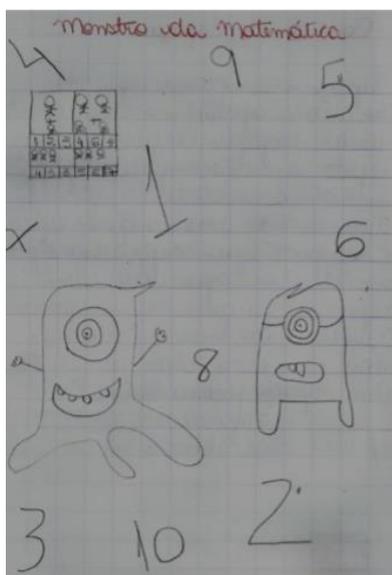


Fonte: Desenho de Joy

(...) **Marsha:** *Eu também fiz um monstro de sete cabeças... Acho que se a gente chegar bem perto dele, a gente se apaixona. (...) Tudo tem seu lado bom e ruim, né?!*

Figura 9 - Monstro de Marsha





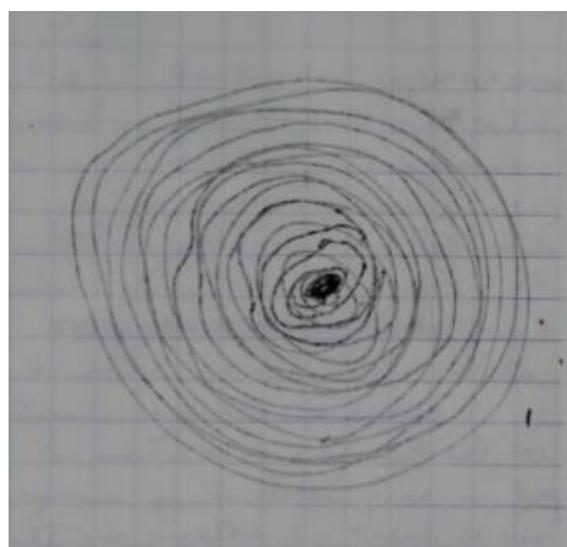
Fonte: Desenho de Gaby Cinderela e <https://expresso.opopular.com.br/>

Quem ama o feio, bonito lhe parece, dizia o ditado. Ou, como diria Lins (2004), em sua primeira Tese sobre o monstro da matemática, o corpo do monstro é um corpo cultural. Agora, Joy, Marsha, Bianca e Gaby Cinderela aproximam-se do monstro. Ele lhes começa a ser familiar. No convívio com o feio, as belezas podem aparecer. Isso ocorrerá em um estalar de dedos? Não. Mas precisa ocorrer a partir de certa abertura. Deixar-se entreter e admirar as peculiaridades do monstro, para ele não ser tão horrível assim, quem sabe um graçudinho ou fofinho.

### 3.4 Um futuro como educador matemático

(...) **Filósofo**: Sabe professor. Isso tudo me faz pensar numa coisa. A gente tem que evitar o eterno retorno<sup>7</sup>. Evitar fazer o mesmo que fizeram com a gente. (...) Por isso, eu desenhei um redemoinho... Sei lá... O vento vai e o vento volta. Parece que tudo se faz do mesmo jeito. Eu não quero fazer do mesmo jeito. Quero fazer diferente.

Figura 12 - Monstro de Filósofo

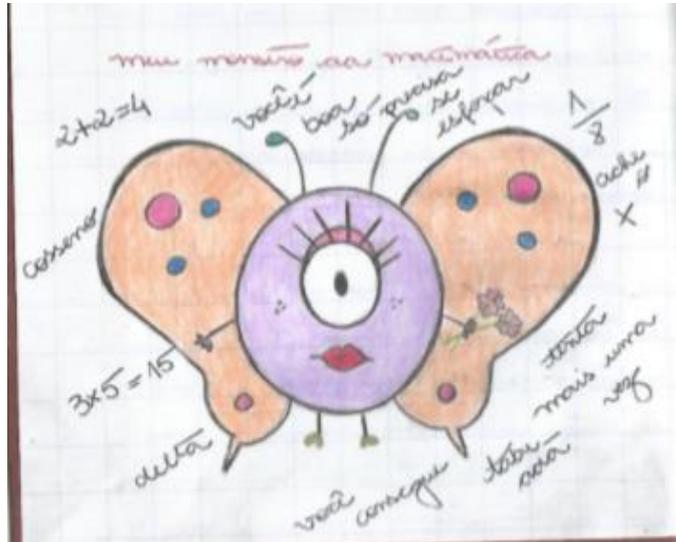


<sup>7</sup> Filósofo se refere ao estudo de Nietzsche.

Fonte: Desenho de Filósofo

**Olívia:** Acho mesmo que a gente pode tentar outra vez. Dar uma chance para o senhor (referindo-se a mim) (Risos). Uma chance pra gente gostar de matemática.

Figura 13 - Monstro de Olívia



Fonte: Desenho de Olívia

(...) **Angelina:** Ai, professor... Eu pensei e pensei e não desenhei um monstro. (...) Desenhei eu e o que posso fazer com a matemática. (...) Acho que dá pra nós fazer a diferença. (...) Nós vamos fazer diferente.

Figura 14 - Monstro de Angelina



Fonte: Desenho de Angelina

Filósofo, Olívia e Angelina conseguiram representar e descrever o nosso desejo de formação enquanto grupo: buscar evitar que nossas experiências ruins com a matemática voltem a se repetir pelas nossas mãos e que possamos dar uma chance para uma matemática que faça a diferença. Como faremos isso? Não são respostas claras. No entanto, um norte se produz.

### 3.5 De volta a Lins...

(...) **Eu:** Pra finalizar... Vocês gostaram do conto? (...)

**Marsha:** Meu que assim... A moral da história é que a gente pode fazer diferente. Tipo quando você tem um sonho, lá na frente. Você acha que não dá, mas daí você percebe que dá sim... Você pode ser melhor. Daí você olha pra trás e acho tudo muito simples. Mas tem hora que tem que ter suor.

**Eu:** Mas sabe toda vez que eu vejo essa história, eu lembro que esse suor que você disse, pode ser aquele mesmo suor que a gente tem quando faz um esporte que gosta. Tipo aquela paixão nossa. Que faz a gente soar, mas faz a gente ser vida.

**Filósofo:** É estranho falar da matemática assim. Isso é outra coisa... Sei lá... (...) **Eu:** Agora, vou contar pra vocês que esse texto não é um conto. Ou poderia ser (Risos). É um texto de um educador matemático. É um texto científico.

**Katyane:** Capaz, professor.

**Bianca:** Pro, mas tipo o que vocês estudam pra fazer isso?

**Eu:** O campo da Educação Matemática é muito vasto. Tem muitos trabalhos interessantes para pensar todas essas questões em sala e na vida da gente.

**Bianca:** Tipo, o professor tem esse texto para me emprestar, pra mim ler. Achei interessante.

**Eu:** Vou escanear e mandar para vocês. Quem tiver interesse de ler. Esse texto para mim é bem icônico sabe, sempre que leio tem algo para eu pensar. (...)

**Eu:** Seria bacana a gente começar nossos debates entendendo um pouco esse campo da Educação Matemática. Esse espaço de conflito, interesses e perspectivas...

(TP Encontro)

O caminho que escolhi para mostrar para os licenciandos como se constitui o espaço da Educação Matemática é o mesmo que tenho comigo. Um espaço que fala da minha vida de docência, um espaço que, antes de ser Educação Matemática, é uma história, um conto.

Definimos, ainda, que para dar encerramento a este encontro, faríamos nosso Espaço Amostral<sup>8</sup>, nossas atualizações. Para compô-lo duas leituras deveriam ser feitas<sup>9</sup>.

### **Atualizações e Considerações Finais: Espaço Amostral - Educação Matemática + Nós = Novo espaço**

Além das discussões empreendidas em sala, os licenciandos tiveram a oportunidade de ler dois textos sobre o campo da Educação Matemática, que considere pertinentes para o debate que estava sendo posto em ação até aquele momento. Frente a isso, no dia seguinte, fizemos em sala, de forma coletiva na lousa, o nosso Espaço Amostral. Este procurou apresentar o espaço que queremos constituir a partir do encontro entre as experiências que vivemos em nossa vida, a escola que nós conhecemos, a escola que queremos e os nossos objetivos de vida e formação.

Eis as inferências que empreendemos:

---

<sup>8</sup> Definimos espaço amostral, de forma consciente, como a organização de tudo o que debatemos num encontro com as leituras acadêmicas que fizemos sobre eles. Os textos foram mandados por e-mail, ao final do encontro

<sup>9</sup> D'AMBRÓSIO, Ubiratan et al. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, 2005; FIORENTINI, Dario. Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil p. 1-38. Zetetiké, v. 3, n. 1, 1995.

A primeira conclusão que evidenciamos inferiu que o ato de reavivar memórias, histórias de vida e relações/compreensões sobre o pensamento matemático potencializou as leituras dos artigos. *As leituras pareciam que falavam comigo* (Filósofo). *Não podemos ter receio de olhar nossas dores do passado, a gente precisa valorizar nossa vida como aprendizado* (Luíza). A segunda consideração que acreditamos pertinente para este momento foi a criação da nossa Educação Matemática, uma que condissesse com o educador matemático dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, alguns campos dentro do nosso Espaço Amostral emergiram e se fizeram significativos no debate:

### **O medo do que pode ser a matemática em /suas vidas de docência**

Duas opções foram levadas em consideração como modos de vida para com a Matemática e a docência:

- Seguir a lógica de opressor-oprimido (FREIRE, 1987), em que nos culparíamos por uma possível não capacidade de ingressar no jardim do matemático (LINS, 2004), acreditando que esse espaço é para poucos. Tal abordagem implicaria na reprodução na docência das práticas e discursos excludentes vivenciadas pelo grupo na Educação Básica;

- Mesmo com medo, caminhar em direção à subversão do discurso excludente, pautado na visão de matemática para poucos. Essa seria a nossa atitude de Insubordinação Docente (D'AMBRÓSIO; LOPES, 2015), construída pelo senso responsivo com os alunos que teremos, fomentada por *nossa vontade de fazer diferente* (Angelina).

Decidimos que a segunda opção é necessária, se desejarmos modificar a educação e transformarmos a escola num espaço melhor. Nesse ponto, levantou-se a importância da nossa *rede de amigos para apoiarmos nessa jornada* (Cecília). *Ninguém pode, ou precisa, fazer essa mudança sozinho. Temos uns aos outros* (Angelina).

### **Conviver com o monstro**

Em relação ao monstro, chegamos à conclusão de que é necessário conviver com ele, torná-lo familiar (LINS, 2004). O primeiro passo, acreditamos que já realizamos: *quebrar o paradigma do monstro que nos amedronta* (Filósofo), *para que possamos produzir um olhar de doçura para*

com ele (Gaby Cinderela). *Se a beleza está nos olhos de quem vive e se permite a viver* (Filósofo), mesmo que isso represente  *muito suor* (Ana), precisamos realizar esse empreendimento.

Desejamos, também, que essa matemática seja *uma matemática de corpo inteiro* (Eu). Algo que fuja de uma visão platônica de matemática (FIORENTINI, 1995), que se possam *usar os dedos* (Brida), *desenhos* (Julia), o *tato* (Joy), para produzir o que pensamos. *Queremos uma matemática que aconteça com a gente, no aqui e agora* (Brida).

### **E toda vez que eu me desamparar?**

E toda vez que eu me sentir desesperado com a matemática, *vou lembrar as minhas histórias de infância* (Cecília), vou pensar na escola que vive em contraposição com a escola que desejo, vou ter a esperança de realizar um espaço de vida melhor (FREIRE, 1987).

### **Referências**

- D'AMBRÓSIO, U. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, 2005
- D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Insubordinação criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, Rio Claro, SP, v. 29, n. 51, p. 1-17, 2015.
- DELEUZE, G. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FIORENTINI, D. Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil. **Zetetiké**, v. 3, n. 1, p. 1-38, 1995.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1987.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção do cartógrafo. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 32-51
- KING, S. **O iluminado**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1977.
- LARROSA, J. Literatura, experiência e formação – entrevista com Jorge Larrosa. In: COSTA, M.V. (Org) **Caminhos Investigativos – novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre. Ed. Meditação, 2002.
- LINS, R. C. Matemática, monstros, significados e educação matemática. In: BICUDO, M.A.V.; BORBA, M.C. (Org.). **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, E; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 17-31.